

Congresso Internacional SIPS 2022
XXXIV Seminário Interuniversitário de Pedagogia Social

**10.ª Conferência Internacional de Mediação
Intercultural e Intervenção Social**

Livro De Atas

XXXIV Congresso Internacional da SIPS (Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social) e
10.ª Conferência Internacional de Mediação Intercultural e Intervenção Social

**Pedagogia Social e Mediação Intercultural:
Teoria e Prática na Intervenção Socioeducativa**

Ricardo Vieira
María Victoria Pérez de Guzmán Puya
José Carlos Marques
Pedro Silva
Ana Maria Vieira
Cristóvão Margarido
Rui Matos
Rui Santos
ORGS.

**Pedagogia Social e Mediação Intercultural:
Teoria e Prática na Intervenção Socioeducativa**

**XXXIV Congresso Internacional da SIPS
(Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social)**

e

**10.^a Conferência Internacional de
Mediação Intercultural e Intervenção Social**

Leiria, 20 e 21 de outubro de 2022

LIVRO DE ATAS

Orgs.

Ricardo Vieira
María Victoria Pérez de Guzmán Puya
José Carlos Marques
Pedro Silva
Ana Maria Vieira
Cristóvão Margarido
Rui Matos
Rui Santos

Ficha Técnica

Título: Livro de Atas:

XXXIV Congresso Internacional da SIPS (Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social) e 10.ª Conferência Internacional de Mediação Intercultural e Intervenção Social – “Pedagogia Social e Mediação Intercultural: Teoria e Prática na Intervenção Socioeducativa”

Organizadores: Ricardo Vieira, María Victoria Pérez de Guzmán Puya, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido, Rui Matos, Rui Santos

Revisão: Ana Arqueiro

Edição: CICS.NOVA.IPLeiria e ESECS.Politécnico de Leiria

ISBN: 978-989-8797-96-4

DOI: <https://doi.org/10.25766/d6g0-b749>

Abril de 2023

Os textos incluídos neste Livro de Atas foram objeto de avaliação científica.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa e pela ESECS.IPLeiria.



Centro Interdisciplinar
de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLeiria



Comissão Organizadora

Presidente | José Carlos Marques, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal

Secretária | Ana Maria Vieira, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal

Secretário | Cristóvão Margarido, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal

Membros

Carla Valadas, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Cezarina Maurício, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Cristiana Madureira, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Emanuel Margarido, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

José Trindade, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Márcio Oliveira, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Maria Inês Pinto, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Marlene Sousa, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal

Pedro Silva, Instituto Politécnico de Leiria, CICS.NOVA.IPLeiria e CIIE - U. Porto, Portugal

Ricardo Pocinho, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal

Ricardo Vieira, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal

Rui Matos, Instituto Politécnico de Leiria e CIEQV, Portugal

Rui Santos, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal

Tânia Santos, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal

Vanessa Póvoa, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Ana Arqueiro, CICS.NOVA.IPLeiria, ESECS.IPL, Portugal

Adelaide Ferreira, Gab. de Relações Públicas e Cooperação Internacional, ESECS.IPL, Portugal

Julio Esparís Pereiro, Universidade de Santiago de Compostela, Espanha

Patrícia Simões, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Rui Silva, Apoio Informático, ESECS.IPL, Portugal

Adriana Bang, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Ana Correia, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Ana Leonor Grego, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Ana Scherma, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Ângela Matias, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Beatriz Bernardo, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Beatriz Pereira, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Beatriz Quitério, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Beatriz Silva, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Carolina Carreira, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Carolina Vital, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Catarina Ribeiro, Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, ESECS.IPL, Portugal

Cátia Silva, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Inês Custódio, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Inês Nunes, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Inês Polónio, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Lara Teixeira, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Laura Morgado, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Lucas Vicente, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Lúcia Benedito, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Márcia Santos, Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, ESECS.IPL, Portugal

Matilde Guerreiro, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Melissa Ferreira, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Natacha Bernardo, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Rita António, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Sandra Batista, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Sara Cosmelli, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Sofia Carvalho, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Soraia Silva, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Tatiana Ramusga, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Tatiana Silva, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Tiago Morais, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal
Verónica Pontes, Licenciatura em Educação Social, ESECS.IPL, Portugal

Comissão Científica

Presidência

Maria Victoria Pérez de Guzmán Puya, Universidad Pablo de Olavide-SIPS, Espanha
Ricardo Vieira, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal

Membros

Amélia Lopes, Universidade do Porto, Portugal
Américo Peres, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Ana Camões, Instituto de Estudos Superiores de Fafe, Portugal
Ana Vieira, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal
Ángela Janer Hidalgo, Universitat de les Illes Balears, Espanha
Angel de Juanas Oliva, UNED, Espanha
Ariana Cosme, Universidade do Porto, Portugal
Carla Valadas, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Carlos Alberto da Silva, Universidade de Évora, Portugal
Célia Sousa, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal
Cláudia Luísa, Universidade do Algarve, Portugal
Cristiana Madureira, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Cristóvão Margarido, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal
Dália Costa, Universidade de Lisboa, Portugal
Eduardo S. Vila Merino, Universidad de Málaga, Espanha
Encarnación Bas Peña, Universidade de Múrcia, Espanha
Esperança do Rosário Jales Ribeiro, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Evangelina Bonifácio, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Fátima Correia, APTSES, Portugal
Fernando Bessa Ribeiro, Universidade do Minho, Portugal
Fernando Diogo, Universidade dos Açores, Portugal
Fernando Curto Vitas, Pedagogo Social, Espanha
Filipa Coelho, Instituto Superior de Ciências Educativas, Portugal
Francisco Del Pozo Serrano, UNED, Espanha
Francisco Finardi, Rede pública de Santos e São Vicente, Brasil
Helena Serra, Universidade Nova de Lisboa e CICS.NOVA, Portugal
Isabel Baptista, Universidade Católica do Porto, Portugal
Itahisa Pérez Pérez, Universidad de la Laguna, Espanha
Jenny Gil Sousa, Instituto Politécnico de Leiria, CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal
Joana Brinca, Universidade de Coimbra, Portugal
João Ruivo, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal
José António Caride Gómez, Universidade de Santiago de Compostela, Espanha
José Carlos Marques, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal
José González Monteagudo, Universidade de Sevilha, Espanha
Jose Luis Rodríguez Díez, Universidad Pablo de Olavide, Espanha
José Maria Trindade, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
José Ortega Esteban, Universidade de Salamanca, Espanha
Jesús Vilar Martín, Universidad Ramón Llull, Espanha
Leonardo Severo, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Leonor Teixeira, Instituto Politécnico de Santarém, Portugal
Luís Alcoforado, Universidade de Coimbra, Portugal
Luísa Pimentel, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Manuel Sarmento, Universidade do Minho, Portugal
Márcio Oliveira, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Maria Belén Pascual Barrio, Universitat de les Illes Balears, Espanha
Maria Inês Pinto, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Maria João Hortas, Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal
Mário Barata, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Miguel Prata Gomes, ESE Paula Frassinetti, Portugal
Montserrat Vargas Vergara, Universidad de Cádiz, Espanha
Neusa Gusmão, Universidade de Campinas, Brasil
Karla Villaseñor Palma, Benémerita Universidad Autónoma de Puebla, México
Paloma Valdivia, Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha
Paulo Delgado, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Pedro Silva, Instituto Politécnico de Leiria, CICS.NOVA.IPLeia e CIIE - U. Porto, Portugal
Pilar Rodrigo Moriche, Universidad Autónoma de Madrid, Espanha
Omar García Pérez, Universidad de Oviedo, Espanha
Ricardo Pocinho, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeia, Portugal
Rita Gradaille Pernas, Universidad Santiago de Compostela, Espanha
Roberto Moreno López, Universidad Castilla-La Mancha, Espanha
Rosa María Santibañez Gruber, Universidad de Deusto, Espanha
Rosa Novo, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Rosario Limón Mendizábal, Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Rui Matos, Instituto Politécnico de Leiria e CIEQV, Portugal
Rui Pinto, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Rui Santos, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeia, Portugal
Rui Trindade, Universidade do Porto, Portugal
Sandra Antunes, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Sílvia Azevedo, Universidade Portucalense, Portugal
Susana Faria, Instituto Politécnico de Leiria, CI&DEI, Portugal
Susana Monteiro, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Tânia Santos, Instituto Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeia, Portugal
Xosé Manuel Cid, Universidade de Vigo, Espanha
Xavier Úcar Martínez, Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha

ÍNDICE GERAL

Introdução	13
Parte I	
Abertura	16
María Victoria Pérez de Guzmán Puya - <i>Presidente da SIPS e da Comissão Científica</i>	17
Ricardo Vieira - <i>Presidente da Comissão Científica</i>	20
José Carlos Marques - <i>Presidente da Comissão Organizadora</i>	22
Cristóvão Margarido - <i>Coordenador do CICS.NOVA.IPLEIRIA</i>	24
Parte II	
Culturas, Diálogos, Tensões e Conflitos: Pedagogia Social e Mediação Intercultural.....	26
UM NOVO PARADIGMA DE MEDIAÇÃO PARA UM MUNDO EM CRISE	27
José Trindade	
INTERCULTURALIDADE, INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA E PEDAGOGIA SOCIAL. O QUE NOS CONTAM AS PALAVRAS	29
Paulo Delgado	
Parte III	
Comunicações Livres: Teoria e Prática em Comunidades (“Reais” ou “Imaginadas”).....	37
MIGRACIÓN E INTEGRACIÓN EN ESPAÑA: FACTORES QUE INFLUYEN EN LA PERCEPCIÓN DE LA INMIGRACIÓN	38
Elisabet Moles-López, Rubén Jorge Burgos-Jiménez, Fanny T. Añaños	
ESTRATEGIAS DE INTEGRACIÓN DE LAS MUJERES MIGRANTES QUE CRUZAN LA FRONTERA SUR DE ANDALUCÍA. DESAFÍOS Y APORTACIONES PARA UNA GOBERNANZA DEMOCRÁTICA	50
Rocío Cárdenas-Rodríguez, Teresa Terrón-Caro, Fabiola Ortega-de-Mora	
MIGRACIONES FEMENINAS EN LA FRONTERA SUR DE EUROPA: PRINCIPALES CARACTERÍSTICAS Y NECESIDADES PARA LA INTEGRACIÓN	60
Teresa Rebolledo Gámez, Rocío Rodríguez Casado	
A INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA COMO ESTRATÉGIA PARA MINIMIZAR A CLIVAGEM SOCIOLÓGICA ENTRE O SISTEMA EDUCATIVO E A ETNIA CIGANA.....	74
Bruna Duarte Silva, Beatriz Duarte Silva	
O PAPEL DOS TÉCNICOS DO PROGRAMA ESCOLHAS NA INTERVENÇÃO SOCIAL COM CRIANÇAS, JOVENS E FAMÍLIAS DE ETNIA CIGANA DO DISTRITO DE BRAGA. A TEORIA E A PRÁTICA DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL	87
Micaela Lopes, Ana Maria Vieira	

MUJER CAMPESINA Y PROPIEDAD PRIVADA. NORTE DE SANTANDER (COLOMBIA)	100
Viviana González Carreño	
MEDIACIÓN INTERCULTURAL EN PEQUEÑOS PRODUCTORES CACAOTEROS DE LA PROVINCIA DE MANABÍ-ECUADOR	121
Rosario Mera Macías, Irinuska Ureta Zambrano, Susana Franco de Faria de Sousa	
PRÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA –AS COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM E O SEU CONTRIBUTO PARA O SUCESSO ESCOLAR DE TODOS	136
Ana Sofia Clemente Gonçalves	
A COLEÇÃO ‘TRINKA E JOÃO’: O GRANDE FOGO; O DIA EM QUE A TERRA TREMEU	145
Cátia Magalhães, Ana Berta Alves, José Sargento, Bruno Carraça, Filipa Rodrigues	
UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO INTRAPESSOAL ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA E VIDEOGRAFIA TERAPÊUTICA –PEDAGOGIAS DA CONVIVÊNCIA E <i>MINDSETS</i>	152
Pedro Queirós Pinto, Ricardo Vieira	
EL LUGAR DE LA CULTURA POP EN EDUCACIÓN SOCIAL: UNA APROXIMACIÓN AL FENÓMENO DE LA MÚSICA <i>DRILL</i> COMO <i>BOOM</i> CULTURAL	166
Raúl Navarro Zárate	
MEDIAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES: UM CONTEXTO PRIVILEGIADO PARA O SERVIÇO SOCIAL FOMENTAR O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMUNITÁRIO	177
Isabel Martins, Vanessa Nunes, Joana Brinca	
A PRESENÇA DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL NAS RESPOSTAS DE INTERVENÇÃO SOCIAL DO CONCELHO DE LEIRIA	193
Joana Matias, Ricardo Vieira	
A HETEROGENEIDADE NO BAIRRO SOCIAL: A EQUIPA MULTIDISCIPLINAR DE MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA COMO RESPOSTA DE INOVAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL	207
Isabel Oliveira, Patrícia Pereira, Vanessa Nunes, Joana Brinca	
AS DIFICULDADES QUE OS ENFERMEIROS ENFRENTAM ENQUANTO ORIENTADORES DE ESTUDANTES NO CONTEXTO LABORAL NUMA COMUNIDADE PRÁTICA	221
Paula Manuela Dias de Oliveira	
Parte IV	
Comunicações Livres: Teoria e Prática em Contextos Familiares	227
O ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NUM PROGRAMA DE PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS EM CONTEXTO ESCOLAR	228
Ana Salomé de Jesus, Ricardo Pocinho, Cristóvão Margarido, Eva Torrecilla Sanchez	
NUEVOS CONTEXTOS DE APRENDIZAJE PARA LAS FAMILIAS EN MUSEOS DE ARTE CONTEMPORÁNEO	242
Beatriz Rodríguez-Rabadán Benito, Carmen Urpí, Concepción Naval	
FORMACIÓN EN VIOLENCIA DE GÉNERO, DE PROFESIONALES QUE PARTICIPAN EN EL PROGRAMA CAIXAPROINFANCIA, EN LA REGIÓN DE MURCIA	251
Alicia González Caparrós, Encarna Bas Peña	

Parte V

Comunicações Livres: Teoria e Prática em Territórios Educativos em Espaços Públicos e Privados: Escolas, Associações, Municípios, Instituições..... 264

PROPUESTA DE INTERVENCIÓN PARA LA PREVENCIÓN DE LA VIOLENCIA DE GÉNERO EN ADOLESCENTES EN CONTEXTOS DESFAVORECIDOS DE GRANADA	265
Gracia González-Gijón, Ana Amaro Agudo, Francisco Javier Jiménez Ríos, Nazaret Martínez-Heredia	
O IMPACTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS	272
Ana Sofia Clemente Gonçalves, Paula Manuela Dias de Oliveira	
FORMAÇÃO PROFISSIONAL E DEFICIÊNCIA: O CASO DO CECD DE MIRA-SINTRA	283
Gracinda Mateus	
LA EDUCACIÓN AFECTIVO-SEXUAL RECIBIDA EN JÓVENES ANDALUCES: RIESGOS Y CONSECUENCIAS SOCIOEDUCATIVAS	298
Alina D. Corpodean, Rubén J. Burgos-Jiménez, Fanny T. Añaños	
ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS, EDUCAÇÃO E COMUNIDADE: O PAPEL DO ANIMADOR SOCIOCULTURAL	313
Albino Luís Nunes Viveiros	
PAPEL DA MENTORIA NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE LIDERANÇA NA EDUCAÇÃO DOS ALUNOS DAS FORÇAS ARMADAS ANGOLANAS	327
Felisberto Kiluange Fragoso da Costa, Arlindo Retrato, Ana Paula Silva	
RESCLIMA EDU2. LA REPRESENTACIÓN SOCIAL DEL CAMBIO CLIMÁTICO EN LA EDUCACIÓN SECUNDARIA OBLIGATORIA (ESO) EN ESPAÑA	340
Antonio García-Vinuesa, Pablo Ángel Meira Cartea, José Gutiérrez Pérez	
#ENTRAEMCAMPO: ESTRATÉGIAS DE MOBILIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NA ESCOLA E NO GINÁSIO NO BAIRRO PADRE CRUZ	354
Vanda Ramalho, Rui Pinho, Ana Paulos, Ana Naia	
INTERVENCIÓN SOCIOEDUCATIVA A TRAVÉS DEL CLOWN	369
Mauricio Durán, Xavier Úcar	
CIRCO SOCIAL EM CONTEXTO ESCOLAR: UMA FERRAMENTA INOVADORA DE MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E DE PEDAGOGIA SOCIAL	378
Rodolfo Correia, Ricardo Vieira	
PREVENCIÓN DE LA TRATA DE PERSONAS Y SUS FINALIDADES EN ENTORNOS EDUCATIVOS EN COLOMBIA: ESTRATEGIAS DESDE LA ORGANIZACIÓN JUVENIL	393
Claudia María López Ortiz	
¿ÁNGELES O DEMONIOS? VALORES EN LOS ADOLESCENTES: INICIACIÓN A LA INVESTIGACIÓN EN CIENCIAS SOCIALES	405
Nazaret Martínez-Heredia, Ana Amaro Agudo, Francisco Javier Jiménez Ríos, Gracia González-Gijón	
PERSPECTIVAS DE INTERVENCIÓN SOCIOEDUCATIVA Y ENFOQUE DE DERECHOS EN ADOLESCENTES VINCULADOS AL SISTEMA DE JUSTICIA JUVENIL EN COLOMBIA	416
Ph. D. Jairo Alberto Martínez Idárraga	
ACCIÓN SOCIOEDUCATIVA EN EL BARRIO DE LA MINA DE SANT ADRIÀ DEL BESÒS. UNA EXPERIENCIA INTER-CULTURAL DE LOS EDUCADORES DE CALLE	428
Núria Fabra Fres, Miquel Gómez Serra, Irene Berenguer Segura, Asun Llana Berñe	

ACADEMIA DE LÍDERES UBUNTU: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO NO ÂMBITO DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL	441
Rita Assunção	
A EDUCAÇÃO SOCIAL (ES) NOS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA (TEIP) – DOS PRESSUPOSTOS ÀS PRÁTICAS INCLUSIVAS.....	450
Helena Augusta da Silva, Sónia Mairos	
O SUBTERRÂNEO POPULAR NA ASCENSÃO NEOLIBERAL: MEMÓRIA, EDUCAÇÃO E ESPOLIAÇÃO DAS CLASSES POPULARES EM CASOS PARADIGMÁTICOS LATINO AMERICANOS.....	464
Ian Gabriel Couto Schindwein	
LIDERANÇA, RESPONSABILIDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO: ESTUDO DE CASO SOBRE O PROJETO SOCIAL “SEMEANDO CONHECIMENTO, COLHENDO SABEDORIA”	480
Ruth Wendler Laroca, Sibeli Cardoso Borba Machado, Nei Antonio Nunes, Jacir Leonir Casagrande	
UM RECORTE DOS PRINCÍPIOS INCLUSIVOS NO SISTEMA EDUCATIVO PORTUGUÊS	489
Ana Paula Ribeiro Assoni	
A TECNOLOGIA COMO FACILITADOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA....	502
Eulália Santos, Margarida Freitas Oliveira, Fernando Tavares	
PEDAGOGÍA SOCIAL Y MEDIACIÓN INTERCULTURAL: ANÁLISIS DE EXPERIENCIAS DE INTERVENCIÓN EN ASOCIACIONES DE LA PROVINCIA DE SEVILLA	515
José Alberto Gallardo-López, Irene García-Lázaro, Fernando López-Noguero	
ACTIVIDADES DE OCIO EN PERSONAS MAYORES. UNA REVISIÓN SISTÉMICA	530
Rosa Méndez-Macías, Victoria Pérez-Guzmán, Rocio Cárdenas-Rodríguez	
INVESTIGACIÓN-ACCIÓN EN ESCUELAS DE SEGUNDA OPORTUNIDAD. HACIA UNA ORIENTACIÓN COMPROMETIDA CON LA JUSTICIA SOCIAL	549
Soledad Romero-Rodríguez, Victoria Pérez-de-Guzmán, Montserrat Vargas-Vergara	
PEDAGOGIA SOCIAL: A FORMAÇÃO DO EDUCADOR SOCIAL, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E CURRÍCULO	563
João Clemente de Souza Neto, Marcos Antonio Batista da Silva	
A ADOÇÃO DA EDUCAÇÃO SOCIAL COMO CAMINHO PROFISSIONAL: INCIDENTES CRÍTICOS, REFLEXIVIDADE E MEDIAÇÃO INTRAPESSOAL E INTERCULTURAL	575
Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira, José Carlos Marques	
EDUCANDO DESDE LOS MÁRGENES: REFLEXIONANDO SOBRE EL TRABAJO SOCIOEDUCATIVO CON INFANCIA Y JUVENTUD	586
José Manuel de Oña Cots, José Manuel Vega Díaz, Lorena Molina Cuesta	

Parte VI

Comunicações Livres: *Conceções Epistemológicas Sobre Pedagogia Social e Mediação*

<i>Intercultural</i>	600
MEDIACIÓN INTERCULTURAL COMO PARADIGMA PREVENTIVO, TRANSFORMADOR Y SOCIOEDUCATIVO: EL PAPEL DE LA PEDAGOGÍA SOCIAL Y DE LA EDUCACIÓN SOCIAL	601
José Alberto Gallardo-López	
DIMENSÕES TEÓRICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO SOCIAL	614
Fátima Correia, Germán Vargas Callejas, Paulo Delgado	

A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL COMO PRÁTICA DA PEDAGOGIA SOCIAL: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS	628
Ricardo Vieira, Ana Maria Vieira	
EPISTEMOLOGIAS TRANSDISCIPLINARES. A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL NO SISTEMA DE COORDENADAS “MATÉRIA-ESPAÇO-TEMPO”	641
Carlos Fortes Antunes	
LA MEDIACIÓN INTERCULTURAL METODOLOGÍA DE INTERVENCIÓN SOCIAL: MÁS ALLÁ DE LA GESTIÓN DE CONFLICTOS	658
María Carmen Quesada Muñoz	
APORTACIONES DE PILAR HERAS A LA PEDAGOGIA INTERCULTURAL	671
Núria Fabra Fres, Miquel Gómez Serra, Asun Llena Berñe	
ACCIÓN EDUCATIVO-SOCIAL Y PRÁCTICA INTERCULTURAL	683
Santiago Ruiz-Galacho, Víctor M. Martín-Solbes, Eduardo S. Vila Merino	
LA IMPORTANCIA DE LA CULTURA EN EL DESARROLLO HUMANO Y SU RELACIÓN CON LOS OBJETIVOS DE DESARROLLO SOSTENIBLE (ODS 17 + 1)	697
M. Pilar Martínez-Agut, Anna Monzó Martínez, María Chocomeli Fernández	
INTERPRETATION OF MASCULINITY FROM SECONDARY EDUCATION BOYS IN GREECE	710
Aikaterini Peleki, Sousanna-Maria Nikolaou	
CULTURA Y SUBJETIVIDAD DESDE LA PERSPECTIVA DE LA PEDAGOGÍA SOCIAL. MODELOS CONCEPTUALES DE LA MEDIACIÓN INTERCULTURAL EDUCATIVA	725
Rosa Marí Ytarte, Roberto Moreno López, Rut Barranco Barroso	
EDUCAR EN RESILIENCIA A LO LARGO DE TODA LA VIDA COMO OBJETIVO PARA SUPERAR SITUACIONES EXTREMAS	738
M ^a Rosario Limón Mendizabal, María E. Chalfoun Blanco, Vanesa Baños Martínez	
LA ORIENTACIÓN PROFESIONAL COMO UN DERECHO CLAVE PARA LA INCLUSIÓN SOCIAL	755
M. Fernanda Chocomeli Fernández, Anna Monzó Martínez, M. Pilar Martínez-Agut	
PROPUESTA ESTRATÉGICA DE APLICACIÓN DE UN MODELO DE EVALUACIÓN POR COMPETENCIAS Y LA IMPORTANCIA DE LAS COMPETENCIAS EMOCIONALES Y DIGITALES	763
Carlomagno Sancho Noriega, Beatriz Adriana Corona-Figueroa, Rosa Felicita Gonzáles de Otero	
Parte VII	
Apresentação pública do livro: <i>Vivência(s), Convivência(s) e Sobrevivência(s) em Tempos de COVID-19: Mediação Intercultural e Intervenção Social</i>	778
Licínio Carvalho - <i>Presidente do Conselho de Administração do Centro Hospitalar de Leiria</i>	
Parte VIII	
Sessão de Encerramento.....	787
José Carlos Marques - <i>Presidente da Comissão Organizadora do XXXIV Congresso Internacional da SIPS e 10.ª Conferência MIIS (2022)</i>	
	788
María Victoria Pérez de Guzmán Puya - <i>Presidente da SIPS e da Comissão Científica</i>	
	792
Rui Santos - <i>Presidente da Comissão Organizadora da 11.ª Conferência MIIS (2023): “Territórios, Municípios, Redes e Parcerias: Mediação Intercultural e Intervenção Social”</i>	
	794

A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL COMO PRÁTICA DA PEDAGOGIA SOCIAL: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

Ricardo Vieira¹, Ana Maria Vieira²

^{1,2} ESECS.IPLeiria e CICS.NOVA.IPLeiria

RESUMO

A mediação remete para a construção de terceiros lugares mas estes não têm, necessariamente, de ser um ponto equidistante entre as partes. Se na mediação jurídica e na mediação clássica, vulgo mediação de conflitos, esse lugar busca a imparcialidade, na Mediação Intercultural estamos perante a crítica à neutralidade/imparcialidade. A Mediação Intercultural, além de preventiva, assume-se como educadora, transformadora da sociedade, comunidades, grupos e indivíduos e construtora de espaços de (con)vivência.

Estamos, assim, perante um novo paradigma onde a mediação intercultural se afirma como intervenção dialógica, a partir dos outros e com os outros e, portanto, como uma prática da Pedagogia Social.

Neste texto, que resulta da apresentação de uma comunicação no XXXIV Congresso Internacional da Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social (SIPS), realizado nos dias 20 e 21 de outubro de 2022, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, em simultâneo com a 10.^a Conferência de Mediação Intercultural e Intervenção Social, pretendemos compreender as ligações epistemológicas e metodológicas entre a Mediação Intercultural e a Pedagogia Social.

Compreender as semelhanças entre a Mediação Intercultural e a Pedagogia Social como forma de trabalhar com o “outro”.

Discutir o intercultural como paradigma que rompe com o culturalismo [monoculturalismo].

Pensar em mediação remete para a presença dum terceiro, o mediador. A terceira parte pressupõe e condiciona a existência de duas partes em dissonância.

Mas dentro de um paradigma da mediação intercultural, que está a montante da gestão/resolução de conflitos, é fundamental a escuta ativa e a empatia com todos os envolvidos para intervir, o que não permite a neutralidade axiológica. Daí, a ideia da “multiparcialidade” defendida por Torremorell (2008).

PALAVRAS-CHAVE

Pedagogia Social; Mediação Intercultural; (Trans)formação; Terceiros lugares; Terceiro instruído; Multiparcialidade

DA BUSCA DE TERCEIROS LUGARES E DA NÃO NEUTRALIDADE EM MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

A mediação enquanto conceito não adjetivado remete, habitualmente, para a construção de lugares equidistantes, posicionamentos concertados, meios termos entre posições opostas ou em conflito. A Mediação Intercultural é considerada, hoje, não apenas uma variante da mediação em geral, dedicada à gestão e resolução de tensões

e conflitos em sociedades multiculturais, mas, também, enquanto paradigma de uma nova abordagem da mediação, seja neste tipo de sociedades, seja no mundo do trabalho, seja na intervenção familiar, comunitária, etc., e que se prende com o diálogo e a comunicação com pessoas, grupos e comunidades para a transformação, emancipação e capacitação. Neste sentido,

O processo de mediação corresponde a uma tentativa de convergência que passa pela (trans)formação das identidades dos sujeitos e mundos de vida dos participantes, incluindo valores, crenças e representações de si e dos outros, através da comunicação e compreensão recíproca das partes. Nesse contexto, os mediadores ajudam as partes de diferentes contextos culturais a se entenderem, tornando-se conscientes dos preconceitos relativamente a processos, pessoas, comportamentos, bem como a se envolverem numa comunicação mais intercultural assente numa prática de escuta ativa (Arvanitis, 2014).

As tensões e conflitos deixam de ser vistos apenas como fenómenos e problemas interindividuais mas, antes, como choques de cultura entre valores e filosofias de vida que os sujeitos em diálogo, anti-diálogo, confronto ou conflito, fazem emergir nas relações interpessoais. A pessoa não é, assim, apenas um indivíduo, psicologicamente falando, mas um corpo que incorporou ao longo da sua trajetória social códigos culturais (Bourdieu, *passim*) com os quais pensa, age, dialoga ou entra em conflito. Desse ponto de vista, a mediação passa a ser a busca de um terceiro lugar, não necessariamente a meio de posições opostas, mas um terceiro lugar epistémico e de geometria variável, que ora está próxima de um, ora de outro dos intervenientes divergentes, diferentes ou mesmo em tensão verbal, corporal e cultural.

A Mediação Intercultural busca, assim, mais do que a gestão e/ou resolução de conflitos, a transformação das partes, sujeitos, grupos, famílias, etc. envolvidos. Busca uma (trans)formação de todos para uma aprendizagem da convivência (Jares, 2007) e a construção de uma sociedade mais intercultural (Gimenez, 2010). Isto implica uma escuta ativa de todos sobre todos, uma hermenêutica diatópica (Santos, 1997) ou mesmo multitópica (Vieira, 2013). Esta hermenêutica multitópica pretende a transformação de todos, o que implica a construção de cidadãos e de *se/ves* mais interculturais.

Se na mediação jurídica, um exemplo da mediação clássica (gestão/resolução de conflitos), esse terceiro lugar assenta na ideia da imparcialidade, na mediação intercultural estamos, cada vez mais, perante a crítica à neutralidade/imparcialidade, pilar fundamental da mediação fundada na escola de Harvard (Cohen-Emerique, 2008). Paulo Freire foi muito claro na crítica a este pilar da mediação clássica: “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”, “que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cómoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? Lavar as mãos em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele”, “não existe educação neutra. Toda a neutralidade afirmada é uma opção escondida”.

A Mediação Intercultural, além de preventiva, assume-se, assim, como educadora, transformadora da sociedade, comunidades, grupos e indivíduos e construtora de espaços de (con)vivência. Estamos, pois, perante um novo paradigma onde a Mediação Intercultural se afirma como intervenção dialógica, a partir dos outros e, portanto, como uma prática da Pedagogia Social, uma pedagogia que se estende para além da escola e que assume a educação a partir dos contextos vários, onde a cultura e os valores se transmitem.

Se falar de mediação em geral remete para a presença dum terceiro, o mediador presumivelmente imparcial, uma terceira parte que condiciona a existência de duas partes em dissonância; no âmbito da mediação intercultural, que está a montante da gestão/resolução de conflitos, é fundamental a escuta ativa e a empatia com todos os envolvidos para intervir, o que não permite a neutralidade axiológica. Daí, a ideia da “multiparcialidade” defendida por Torremorell (2008) ao invés da imparcialidade. A escuta de todos implica tomar a parte de todos nessa busca de entender o entendimento de todos (Geertz, 1989). Deste modo, facilitar a comunicação, fomentar a coesão social e promover a autonomia e a inserção social das minorias e dos mais fragilizados, implica que o mediador não tome a parte da cultura hegemónica para que não fiquemos perante uma prática assimilacionista mascarada de neutralidade. A autonomização, o empoderamento e a advocacia dos desfavorecidos implicam um mediador intercultural que se demarque claramente da imparcialidade e de práticas assistencialistas e de ajuda humanitária.

ENTRE A MEDIAÇÃO E A PEDAGOGIA SOCIAL: A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL COMO PRÁTICA (TRANS)FORMADORA [INTERVENTORA]

Como vimos, sempre que se fala em mediação, é comum emergir, em primeiro lugar, a ideia de posição intermédia, da presença do terceiro termo, “o terceiro” que se refere ao mediador como pessoa, ou à equipa que assume a função de ponte, ligação ou catalisador dos processos de mediação. A terceira parte pressupõe e condiciona a existência de duas partes: “A estrutura ternária implica abertura, uma vez que o terceiro rompe a dualidade em que os dois seres se encontram envolvidos” (Torremorell, 2008, p. 23) e é para eles um ponto de referência comum.

Na epistemologia da Mediação Intercultural, que além de preventiva se assume como transformadora da sociedade e como construtora de espaços de (con)vivência, estamos perante um novo paradigma assente na Pedagogia Social. Como sublinham Carvalho e Baptista (2004),

Os educadores sociais surgem, neste sentido, como mediadores profissionais, como promotores de laços sociais numa perspectiva criativa e renovadora que não se confunde com a conceção de mediação de tipo curativo ou preventivo”. Ainda de acordo com estes autores, numa matriz de Pedagogia Social, “mais do que procurar minorar tensões existentes entre indivíduos ou grupos, trata-se de promover relações interpessoais positivas, impulsionadoras de atividade, de criatividade e de solidariedade. [...] Indissociável do sentido transformador evidenciado anteriormente, a mediação pedagógica é necessariamente otimista e ambiciosa. Nessa medida, ela demarca-se das práticas de simples assistência ou ajuda humanitária. (p. 72)

Por outro lado, como vimos, quando se fala de mediação, surge, tanto nos discursos como nos manuais, o grande dogma da neutralidade. A ideia de que é possível o profissional social ser neutro. Contudo, a única forma de ser neutro é estar morto, como nos lembra Torremorell (2008). A necessária empatia que o mediador intercultural tem de desenvolver com as partes envolvidas, enquanto interventor social, não lhe permite a neutralidade axiológica. Relativamente a esta questão da neutralidade, que é um dos aspetos mais polémicos da mediação, fomos assistindo, mais recentemente, à convocação do conceito de imparcialidade, em vez do de neutralidade, embora alguns

autores continuem a considerar tal atitude como uma abstração. Há, ainda, autores que em vez de falarem em imparcialidade – não tomar partido por ninguém – passaram a falar em “multiparcialidade” (Torremorell, 2008) uma vez que o mediador tem de promover a escuta ativa com todos, tentar entrar no entendimento de todos, e isso não pode ser feito de forma neutral nem imparcial. Tal trabalho implica atitudes empáticas por parte do mediador, e, daí, a ideia da “multiparcialidade”:

[...] ou seja, tomar partido por todos. Pensamos que esta ideia é especialmente estimulante, uma vez que fez evoluir um debate que estancou no ponto de saber se é, ou não, possível ser neutro e imparcial, quando é bem evidente que «os mediadores desempenham, inevitavelmente, um papel influente no desenrolar do conflito». (Folger e Jones, 1997, p. 305)

O conceito de multiparcialidade evoca, simultaneamente, independência e empatia. O mediador, pessoa independente em relação aos actores do conflito e ao resultado do mesmo, pode adoptar atitude empáticas –já não neutras – construtoras de confiança, incorporando uma carga de sinal positivo no desenvolvimento do processo mediado. Segundo esta óptica, actuar como se fossemos neutros seria bastante pobre. (Torremorell, 2008, p. 24)

Ainda assim, se entendermos a Mediação Intercultural no âmbito da Pedagogia Social e não tanto da mediação em geral que nasce a partir de paradigmas resolutivos da escola de negócios de Harvard, dos anos 50, e, portanto, mais na perspetiva reabilitadora e criativa, que preventiva ou meramente resolutiva, nem é absolutamente de “multiparcialidade” que se trata, apenas. Efetivamente, para facilitar a comunicação, para fomentar a coesão social e promover a autonomia e a inserção social das minorias e dos mais fragilizados, o mediador não pode tomar a parte da cultura hegemónica sob pena de estar a desenvolver um assimilacionismo disfarçado de neutralidade. Pelo contrário, tem de buscar a autonomização, o empoderamento e a advocacia dos desfavorecidos, o que implica distanciar-se das simples práticas de assistencialismo e de ajuda humanitária.

De facto, o mediador intercultural não pode deixar de ser, também, um interventor social que procura mudar situações sociais que geram injustiças, carências ou revoltas,

sempre com o envolvimento dos implicados, como busca da convivência (Jares, 2007) e da hospitalidade enquanto valor humano (Carvalho e Baptista, 2004). De alguma forma, é aí que se situa Torremorell que reutiliza o conceito de “multiparcialidade” a partir de Folger e Jones (Torremorell, 2008, p. 24). Torremorell vai ainda mais longe, ao caracterizar a competências e o perfil do mediador intercultural:

Chegados a este ponto, poderíamos definir a mediação como um processo ternário em que os participantes, mediador e protagonistas, exploram voluntariamente a situação conflituosa para facilitar uma tomada de decisões conjunta liderada pelos protagonistas. (Torremorell, 2008, p. 84)

A perspectiva clássica da mediação, tão associada ao final da linha dos processos de tensão e conflito onde a resolução, a intenção de pôr termo aos conflitos e divergências é o objetivo principal, ainda que tal possa não passar dum sucesso superficial, procura, simplesmente *gerir/”resolver” “problemas”*, muitas vezes sem conhecimento cultural que está subjacente aos comportamentos individuais/sociais, com a ajuda de técnicas de comunicação que apenas levam a um entendimento que acaba por ser provisório e nada transformativo das identidades dos envolvidos, sejam eles grupos, comunidades ou indivíduos.

O nosso interesse pela mediação vai para além das técnicas inerentes a essa gestão e tentativa de resolução e centra-se, essencialmente, na relação entre as partes envolvidas e na convicção de que tal interação/comunicação/relação pode ser feita de forma simétrica, sem reféns e sem imposições hegemónicas ou suportadas por fundamentalismos. Por isso, também podemos definir a mediação intercultural

[...] como uma tentativa de trabalhar com o outro e não contra o outro, procurando uma via pacífica para enfrentar os conflitos num ambiente de crescimento, aceitação, aprendizagem e respeito mútuo. [...] A mediação, além do mais, procura equidade e compromisso informado superando a violência, e a exclusão é integrada num amplo movimento personalizador de coesão social. (Torremorell, 2008, p. 85)

A Mediação Intercultural atravessa, ou pode atravessar, se se assumir o intercultural como paradigma que rompe com o culturalismo [monoculturalismo], todas as mediações socioculturais (familiar, comunitária, pessoal, laboral, jurídica, escolar, etc.) e não está presente apenas em contextos de forte multiculturalidade, como é o caso evidente da coexistência de pessoas migrantes, como algum senso comum aponta, por vezes (Vieira, A., 2013).

Há uma vertente que coloca a Mediação Intercultural na discussão das intervenções de natureza preventiva /versus resolutiva. No âmbito da mediação intercultural, mesmo na resolução de problemas sociais, que são maioritariamente culturais e contextuais e, portanto, não apenas individuais, o interventor pode agir com o outro (*empowerment*) e não através da apregoada forma neutra, entre os outros ou entre os outros e o sistema, como se nada tivesse a ver com ele e ele fosse transcultural e não houvesse valores morais, relações de poder na interação, e uma ética da convivência, fundamental ao entendimento ternário.

Trata-se do oposto, quer ao assistencialismo ou, no outro polo, ao imperialismo ou à autocracia onde o interventor se assume como distante, sábio e objetificador dos sujeitos da intervenção; quer, ainda, ao essencialismo do culturalismo onde os padrões culturais são considerados imutáveis e “originais”/primordiais.

Em síntese, parece claro que toda a Mediação Intercultural é sociocultural. Mas nem todas as mediações socioculturais são, necessariamente, interculturais. A Mediação Intercultural remete, sempre, para a ideia de terceiro lugar, terceira pessoa, mestiçagem, cultura(s) dinâmica(s), interculturalidade e (Trans)formação dos sujeitos e culturas envolvidas, ao invés de culturas consideradas fechadas em determinado grupo social, sendo, afinal uma pedagogia social que busca a (trans)formação de todos.

PEDAGOGIA SOCIAL E INTERVENÇÃO SOCIAL MEDIADORA

É possível analisar o desenvolvimento da Pedagogia Social em 4 etapas. Primeiro, há que recordar que, em termos de emergência da profissão a Pedagogia Social surgiu na Alemanha muito relacionada com a sociedade industrial e com todos os problemas sociais consequentes à mesma. Procuravam-se soluções para os problemas humanos e sociais tais como os decorrentes de fortes movimentos migratórios, da proletarização do campesinato, do desemprego, da pobreza, da exclusão económica e cultural, do

abandono de menores, da delinquência e da falta de proteção social. A ideia da Pedagogia Social assentava na necessidade da criação de estratégias que dessem respostas às necessidades individuais e sociais, estabelecendo um ideal de comunidade face ao individualismo emergente.

Relativamente à primeira etapa, ela está muito centrada no pensamento e obra de Paul Natorp (1854-1920) para quem todo o ser humano é, sobretudo, um ser social. Por isso tanto chamou a atenção para a dimensão social da educação como reação contra o individualismo. Por isso, também, para Natorp toda a Pedagogia é social.

A segunda etapa está compreendida entre 1920 e 1933 e coincide com o aumento dos problemas humanos e sociais em consequência da I grande guerra mundial. Nohl (1965, cit. in Perez Serrano, 2010) deixou-nos um bom contributo ao defender a articulação entre a teoria e a prática numa perspetiva hermenêutica. De igual modo, deixou-nos uma apologia de uma Pedagogia Social relacionada principalmente com a política e concebida a partir de uma perspetiva essencialmente preventiva.

A terceira etapa (1933-1949) é considerada, de alguma forma, uma etapa de estagnação da Pedagogia Social, uma vez que ela é utilizada para propaganda política pelo nacional – socialismo de Hitler.

Finalmente, a quarta etapa é designada de Pedagogia Social Crítica e inicia-se nos anos 50 do século passado. O enfoque dado ao caráter preventivo dos problemas sociais ganha peso e anuncia uma nova fase orientada para as necessidades educativas emergentes. Esta Pedagogia Social Crítica propõe-se partir de situações concretas dando importância às diferenças culturais e tendo em conta a memória histórica. Ela é autocrítica e usa a reflexão do coletivo como critério de valoração da prática. É dialética, utiliza o modelo ecológico e, em termos processuais, aposta na dimensão relacional, intercontextual e intersistémica.

A Pedagogia Social Crítica é a que mais se aproxima do paradigma da Mediação Intercultural. A Pedagogia Social Crítica busca a emancipação, usa a investigação como estratégia metodológica e analisa e reflete sobre a observação para transformar a realidade. Há uma clara intenção de (trans)formação, conceito que constitui também palavra chave deste texto. Além disso, esta nova Pedagogia Social, chamemos-lhe assim, une a teoria à prática numa dialética constante e aposta numa comunicação geradora de consensos num modelo ecológico sustentado pela negociação tão cara a todos os

tipos de mediações e conexão com os diversos sistemas aproximando-se, assim, da Mediação Intercultural, tal como é concebida por Carvalho e Baptista (2004, p. 72) para quem

os educadores sociais surgem neste sentido como mediadores profissionais, como promotores de laços sociais numa perspetiva criativa e renovadora que não se confunde com a conceção de mediação tipo curativo ou preventivo, segundo a distinção feita por Jean-François Six (1990). [...] Mais do procurar minorar tensões existentes entre indivíduos ou grupos, trata-se de promover relações interpessoais positivas impulsionadoras de atividade, de criatividade e de solidariedade. De humanidade, portanto.

Na mesma linha, Cohen-Emerique (2008) defende uma postura de negociação, caso a caso, uma busca em comum do profissional e da família imigrante [a título de exemplo], mediante o diálogo e o intercâmbio de um mínimo de acordo, de um compromisso onde cada qual se veja respeitado na sua identidade e nos seus valores básicos ao aproximar-se do outro [aproximação bilateral, próxima da hermenêutica diatópica proposta por Santos (1997)].

De igual modo, AAVV (2008, p. 99) defendem três tipos de mediação: a preventiva que consiste em facilitar a comunicação e a compreensão entre pessoas com códigos culturais diferentes; a reabilitadora que é a que mais se aproxima da resolução de conflitos de valores, próxima da mediação de conflitos, filha da escola de Harvard dos anos 50; e, finalmente, a mediação criativa também designada de transformativa por buscar a criação de novas normas, novas ações baseadas em novas relações entre as partes.

Também Carlos Gimenez (2014) distingue bem a mediação resolutiva da preventiva e transformativa. A este propósito, defende as seguintes funções da figura mediadora intercultural: facilitar a comunicação entre pessoas/grupos de culturas distintas; assessorar os agentes sociais na sua relação com os coletivos minoritários em temas de interculturalidade, diversidade cultural (culturas diversas, imigração) e relações intercomunitárias; assessorar pessoas e comunidades minoritárias na sua relação com a sociedade e cultura hegemónicas; promover o acesso a serviços e recursos públicos e

privados; construir cidadania e acompanhar ativamente os processos pessoais de integração e inclusão e favorecer a participação social e comunitária.

José António Caride reforçou bem a relação entre Pedagogia Social e Mediação Intercultural. Num texto de 2016, sublinha

La importancia de los sujetos, y no sólo de los hechos, enfatiza la vocación pedagógica y social de la acción-intervención mediadora, aunque a menudo sea más implícita que explícita. De ahí que nos prestemos a acentuar sus connotaciones educativas, abriendo los discursos y prácticas de la mediación a la acción-intervención educadora, con dos argumentos que apelan directamente a los vínculos que existen entre ambas: de un lado, el que pone de relieve que en toda mediación que se precie existen propósitos, fines, objetivos o métodos de naturaleza y alcance formativo; de otro, el que hace notar la dificultad de imaginar una educación pueda prescindir de los principios éticos y morales, o de los soportes axiológicos y emocionales que son inherentes a cualquier práctica mediadora puesta al servicio de la razón cordial (Cortina, 2007) y de la paz como cultura (Dios, 2011). Aludimos, en síntesis, a todo un conjunto de valores, actitudes, comportamientos y estilos de vida que rechazan la violencia y previenen los conflictos, haciendo uso del diálogo y la negociación entre los individuos, los grupos, las organizaciones sociales e, incluso, los Estados. Una cultura de paz, a la que la mediación puede y debe favorecer, tratando de capacitar a las personas y a los colectivos sociales para que hagan elecciones, actuando no sólo en función de las circunstancias del presente, sino también de la visión del futuro al aspiran. (p. 16)

Américo Peres, também num capítulo desse mesmo livro (2016), *Educação Intercultural e Mediação Sociopedagógica*, resultante dessa mesma conferência de “Espaços e Pedagogias de Mediação e Intervenção Social”, deixa bem claro esta proximidade entre pedagogia e mediação sociopedagógica:

Entendemos que a mediação sociopedagógica faz parte de uma constelação de conceitos—Educação, Cultura, Democracia e Escola/Comunidade/Territórios—em que o aprender a ser pessoa e o aprender a conviver com os outros se rege por princípios, conhecimentos, competências, atitudes e valores comuns, como sejam, Interculturalidade, Igualdade, Comunicação, Unidade, Diversidade, Ética, Política,

Participação, Cidadania, Autonomia, Justiça e Desenvolvimento, como condição da dignidade da pessoa humana. (p. 64)

Também Capul e Lemay (2003, p. 113) numa obra dedicada à educação e à intervenção social, referem no primeiro de dois volumes que a mediação é como uma arte do

«entre-dois» em que o educador funciona como o intermediário privilegiado entre o que ainda não é mas se constitui silenciosamente e o que virá a ser numa série de gestos combinatórios, por ter sabido situar-se, em devido tempo, entre um estímulo forte e um organismo desejoso de o utilizar.

Para estes autores, o conceito de mediação é há muitos anos usado mas só mais recentemente tem sido devidamente apropriado como função essencial de toda e qualquer relação educativa, uma vez que é capaz de “pôr-se no meio” que é exatamente o contrário de colocar-se à distância. “O educador é sempre este personagem que tenta estabelecer uma ponte entre um ser actual e em devir e um envolvente que deve dar a sua contribuição a um processo [...]” de desenvolvimento. A função deste mediador não é propriamente a de tornar os espaços cheios de vida social entre pessoas, grupos e comunidades nem de os manter absolutamente vazios antes, pelo contrário, é o de fomentar a participação e de fazer com que os sujeitos se tornem protagonistas da ação social nesse mesmo espaço. Ainda de acordo com estes autores,

A mediação pode realizar-se de modo particularmente subtil nos novos locais de trocas que alguns educadores tendem actualmente a criar para pais, mães sós, adolescentes perdidos nos grandes meios urbanos, jovens em ruptura com a escola, jovens desocupados, desempregados desesperados por encontrar um sentido para a sua existência, etc. Toda esta gente temem comum o conhecimento angustiante do vazio. Se ficarem sós face a esta depressão individual e coletiva, mergulharão na abstenção ou nas reivindicações estéreis. Se sentirem que queremos recuperá-los através dum tipo de militantismo social generoso mas dominador, não tardarão a mobilizar as poucas forças que existem neles para deter esta nova pressão. Se se aperceberem duma presença autêntica de acolhimento para que se renovem laços, o naufrágio do desejo pode deter-se, depois pode surgir a esperança de outros laços que,

combinando-se de maneira singular, permitam o ressurgimento duma vida psíquica.
(Capul e Lemay, 2003, p. 113)

EM BUSCA DE CONCLUSÕES

Para facilitar a comunicação, fomentar a coesão social e promover a autonomia e a inserção social das minorias e dos mais fragilizados, o mediador não pode tomar a parte da cultura hegemónica sob pena de estar a desenvolver um assimilacionismo disfarçado de neutralidade. A autonomização, o empoderamento e a advocacia dos desfavorecidos implicam um mediador intercultural que se demarque da imparcialidade mas também das simples práticas de assistencialismo e de ajuda humanitária.

A Mediação Intercultural, como prática da Pedagogia Social, posiciona-se numa perspectiva preventiva, educadora, construtora de terceiros lugares e de interculturalidade, mas, também, de transformação das relações sociais.

Depois de distinguirmos a mediação clássica assente na resolução de conflitos de cariz interindividual, nascida na escola de negócios da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos da América, apresentámos a mediação intercultural não só como uma prática de negociação de conflitos em grupos e sociedades multiculturais, mas, também, como paradigma de intervenção socioeducativa, preventiva, transformadora, reabilitadora, emancipadora e capacitadora como uma pedagogia social ou mesmo uma antropologia aplicada na busca da intercompreensão e da hermenêutica multitópica para a construção de terceiras culturas fundamentais à construção da interculturalidade e da convivência entre diferentes.

Sublinhámos a necessidade dos educadores em geral, do educador social em particular, e de todos os interventores sociais, agirem de forma mediadora, pondo em prática Pedagogias Sociais de uma forma mediadora e empoderadora apoiadas na Mediação Intercultural (Caride, 2016) e seus pilares fundamentais de que a escuta ativa é fundamenta mas de que a neutralidade/imparcialidade/equidistância precisa ser questionada por forma a que a intervenção social seja socioeducativa, feita com o outro, a partir da sua lógica e cultura local o que implica tomar a parte, o que é exatamente o oposto do distanciamento e da pretensa, mas impossível, neutralidade.

A Mediação Intercultural, como prática da Pedagogia Social, tal como é aqui assumida, posiciona-se numa perspectiva preventiva, educadora, construtora de terceiros lugares e

de terceiras culturas, essa interculturalidade, mas, também, de transformação das relações sociais com vista à construção de sociedades e de *selves* mais interculturais (Vieira, 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A.A.V.V. (2008). *Mediación intercultural: una propuesta para la formación*. Ed. Popular.
- Arvanitis, E. (2014). The intercultural mediation: a transformative journey of learning and reflexivity. In E. Arvanitis & A. Kameas (Eds). *Intercultural mediation in Europe: narratives of professional transformation* (pp. 1-16). USA: Common Ground.
- Baptista, I. (2012). Pedagogia Social, um campo plural de investigação e intervenção in *Cadernos de Pedagogia Social*, n.º 4, pp. 5-8.
- Capul, M. e Lemay, M. (2003). *Da educação à intervenção social*, Vol. I e II. Porto Editora.
- Caride, J.A. (2016). La mediación como pedagogia social: viejas realidades, nuevos retos para la intervención social in Vieira, R; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A. e Margarido, C., *Pedagogias de Mediação Intercultural e intervenção Social*, Edições Afrontamento, pp. 13-25.
- Carvalho, A. & Baptista, I. (2004). *Educação Social, Fundamentos e Estratégias*, Porto Editora.
- Cohen-Emerique, M. (2008). Presentación, in A.A.V.V. *Mediación intercultural: una propuesta para la formación*, Madrid: Ed. Popular, pp. 17-23.
- Correia e outros (2014). A Educação Social em Portugal: novos desafios para a identidade profissional in *Interfaces Científicas - Educação*, Aracaju, V.3, N.1, pp. 113-124.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação de Culturas*, LTC.
- Giménez, C. (2010). *Interculturalidade e Mediação*, ACIDI.
- Gimenez, C. (2014). *Seminário Intensivo sobre mediación intercultural*, Madrid: IMEDES e ACM
- Jares, X. (2007). *Pedagogia da Convivência*. Profedições.
- Peres, A. (2016). Educação Intercultural e Mediação Sociopedagógica in Vieira, R; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A. e Margarido, C., *Pedagogias de Mediação Intercultural e intervenção Social*, Edições Afrontamento, pp. 57-72.
- Santos, B. (1997). Por uma concepção multicultural de direitos humanos, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 48, pp. 11-32.
- Torremorel, M. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*, Porto Editora.
- Vieira, A. & Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)Formações*. Profedições.
- Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Profedições.
- Vieira, R. (2014). "Life Stories, Cultural Métissage and Personal Identities" in *SAGE Open*, Jan 2014, 4(1), pp. 1-13. The online version of this article can be found at: <http://sgo.sagepub.com/content/4/1/2158244013517241>